Anno 1.º — Quinta-feira, 1 de Fevereiro de 1912 — Numero 52

A LIBERDADE

Secretario e Redactor — Ruy da Cunha e Costa

Composição e Impressão — TYP. SILVA (a vapor)
AVEIRO

Jornal Republicano

Director, proprietario e editor
ALBERTO SOUTO

Administrador — Pompilio Ratolla

Redacção e Administração — Avenida Bento de Moura
AVEIRO

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA (Avença)

Crise politica

Deixa-nos assombrados o que nos ultimos dias se tem passado nos escaninhos da politica portugueza e a força que ha dias representou no Parlamento, um grupo que pretende governar e fazer-se passar aos olhos estranhos como o modelo da lealdade, como a disciplina e a ordem em pessoa.

Não esperavamos vêr um partido da Republica lançar-se tão cedo em caminho tão escorregadio. Mas façamos resumida historia, que essa historia quasi nos dispensa os commentarios.

Nos ultimos dias ergueu-se o boato de crise ministerial. A proposito de quê? Ninguem podia saber. O balão lançou-se ás mezas dos cafés e nos corredores das camaras. D'onde vinha? Toda a gente o sabe — do grupo almeidista e do heroe da Rotunda—que, diga-se a verdade, forma por si só, dentro da camara, um grupo numeroso com veleidades de governo e não sabemos se com ganas de dictadura.

Os dois jornaes da firma, forjavam os preparativos. *Esta casa cheira a unto*, resmungava, sobre o governo, chocarreiramente como tão proprio é da sua verbe inegualavel, o orgão do pensionista da Republica.

—*Aqui mora algum defunto;* concluia n'uma psalmodia arrastada, como um fradalhão de cabeça escondida e vista baixa, o jornal do ministro do Interior do Governo Provisorio.

—Precisamos de um governo forte de 8 homens sem compromissos, que substitua isso que para ahi está! Gritava um roufenhamente, na furia de se encaixar no poder, por fas ou por nefas, a bem ou a mal, insatisfeito ainda com o logar de privilegio que a Nação lhe deu pelas mãos da sua Constituinte.

—E' tempo de intervirmos a valer nos destinos do paiz! ladainhava, cheio de vento e audacia, no seu orgão, o almeidismo empavonado.

Mas porque? ninguem podia adivinhar.

Razões? ninguem as ouvia. Tomava-se o pulso á opinião publica e a opinião alheia a essas ambições mesquinhas dos mais grotescos politicantes da Republica, nada mostrava comprehender da comedia, indifferente ás vaidades tolas dos dementados intriguistas que apenas vinham, n'um periodo de socego e calma, perturbar a paz da politica republicana. Em todos os rostos a interrogação, o espanto. Apenas nos da grey, o sorrir tratante de quem tem o golpe seguro, a partida ganha, o exito certo.

E o paiz? onde o respeito pelos seus interesses, pela sua opinião, pela sua vontade? E a opinião publica? onde a consulta que lhe fôra feita, a demonstração do seu mal-estar, da sua má vontade, da sua desconfiança?

Isso de paiz e de opinião publica, para aquelles a quem um dia entraram na cabeça desmiolada as fumaças messianicas de dictadores, foi sempre coisa de pouca monta. Esfregão que se arruma com o pé; feixe de palha por cima do qual se póde cambalhotar á vontade, sem receio de partir as costelas.

* * *

Das feições politicas representadas no Parlamento, a attitude do Grupo Parlamentar Democratico foi de todos conhecida. O snr. Brito Camacho, que póde ter maldades mas que possue talento, pondo a questão no seu pé, definiu a tempo a sua orientação, honesta e limpamente.

Os outros acalentaram o sonho de crise ministerial, ateiam o fogo; no momento decisivo, faltando-lhes o apoio do snr. Camacho, reduzidos ao seu insignificante numero, sem força numerica e sem força de razão, rodaram nos calcanhares e abandonaram o campo. A tempo? Não, fizeram-no tarde e viu-se então esse espectaculo singular que ha dias na camara se desenrolou. Do grupo almeidista, já desorientado como uma phalange em fuga, batida pela metralha, ergueu-se o unico que tem bossa de parlamentar e habilidades de politico, bem adquirida nas praticas de outros tempos, e que embora sempre infeliz nas suas complicadas combinatas e situações, tem merecimentos e valor—Egas Moniz—e muito bem posto e muito cheio de coragem, rompeu o fogo. Girasolou a principio á roda das suas palavras, como um feerico faulhar de fogo de vistas, a esperança de um ataque formidavel ao governo. A breve trecho, o seu verbo, que por vezes é veia prenhe de aguas claras, pingava, turvo e morno, como bica de barreleiro.

O crime do ministerio era não lêr o *Diario do Governo!*

Granjo, o rotundo almeidista, bota moção de desconfiança com acepipes e condimentos para lhe tirarem o amargo e Barros Alexandre, *aberta, leal e francamente,* como o mestre diria, ordem de despejo ao gabinete.

Da cohorte almeidista grita uma voz de missionario quando falava o ministro das Finanças,—o unico a quem, com franqueza, julgámos capaz de deitar o governo abaixo—salve-se, salve-se!

E no fim, depois d'essa comedia tumultuaria, mal posta em scena, desastrada, caricata, ridicula em extremo, ergue-se e declara o quê?—Apoiar o governo! Os seus haviam fugido. A sua figura, isolada no meio das bancadas abatida, quasi velha, lembrava a do Christo na noite do Calvario.

Tudo se esgueirára a tempo. Por dever de officio elle ficou. Para quê? Para attestar a disciplina do seu grupo ou a propria coherencia? Para quê? Pois Camacho o outro socio da *União*, precisou de falar? Não precisou. Para que falou, então, o snr. Almeida? Para vêr se conseguia encobrir ou attenuar o effeito d'aquelle desmanchar de feira.

Pois não o conseguiu. A opinião publica hoje, julga os motivos da crise e os actores que na farça entraram.

Hoje sabe-se o que se passou em todas as reuniões. Viu se no Parlamento o que se havia premeditado. Viu-se tudo, admirou-se tudo.

E Antonio José de Almeida, o ex-Antonio José de Almeida, deve saber hoje, que é mais facil ficar ferido n'uma escaramuça sem gloria contra um governo honesto da Republica, empreza tola em que a sua ambição e a ambição dos seus o lançou, do que apanhar uma arranhadura leve em todos os grandes e heroicos combates d'aquelles tempos de ideal em que se atacavam, com justiça e com razão, governos corruptos da monarchia!

Alberto Souto.

Vêr na 2.ª pagina o artigo—UM FACTO GRAVE A AVERIGUAR.

As côres da bandeira

Como se vem a esclarecer; o empenho que a thalassaria manifestava pelo azul e branco

Não se devem ter esquecido os leitores da campanha da bandeira, pouco depois da Republica.

O monarchismo, de unhas encolhidas, traiçoeiro e hypocrita, adheria por esse paiz fóra com um ardor, que nós os republicanos, sentiamo-nos já pequenos no nosso enthusiasmo, homens velhos, pessoas de outra geração.

A sinceridade com que essa gente adheria em tropel, organisada em partidos e grupos, com toda a engrenagem do caciquismo a funcionar e trazendo atraz de si arrebanhada a sua gente, viu-se mais tarde botando-se toda a conspirar contra a Republica.

Pois essa gente toda queria a bandeira azul e branca. Transigirem com o verde e vermelho da revolução, é que não transigiam.

O azul e branco! que eram as côres mais lindas, que eram as côres tradicionaes. Acima de tudo tinham sido as côres monarchicas, as côres do constitucionalismo, as côres da orgia dos ultimos tempos, as côres que elles erguiam contra as nossas, as côres com que adornavam os retratinhos do rei e á sombra dos quaes se encontrariam sempre bem, em ar de coisa sua, em ar de familia.

Alguns republicanos por uma questão de esthetica e sentimentalismo, como Junqueiro, tomaram armas pelo azul e branco, com fitinhas, com cartões, com postaes, com assignaturas, com bandeiras de modelo á exposição, etc., etc.

Pois bem. Agora n'uma entrevista que ao enviado de um jornal brazileiro—*A Imprensa*, deu o famoso Conde de Penella, conspirador da Galliza, aquelle famoso Conde de Penella que o snr. Antonio José de Almeida fez soltar quando ministro do Interior, para lhe dar a liberdade de conspirar contra a Republica, conta o caudilho monarchico que Couceiro, quando em Portugal ainda o governo provisorio o cercava de attenções, quiz impôr condições em troca da sua neutralidade.

Uma das suas condições era esta—que a bandeira continuaria a ser azul e branca! Isto é, Couceiro o chefe do banditeirismo monarchico, queria a bandeira azul e branca.

A thalassaria e toda a cacicagem repetiu o mesmo pelo paiz fóra, tocada por mão occulta. Estavam bem entendidos, não ha duvida. Tão bem entendidos todos, como depois no plano das adhesões em massa e mais tarde na conspiração.

Perderam todas as partidas, porque o povo republicano os soube repellir a tempo. Mas vê-se como o jogo era feito e prova-se como alguns republicanos prestaram bem maus serviços á Republica, ajudando as campanhas monarchicas, onde é preciso sempre descobrir o segundo sentido e o fim de ordem reaccionaria que n'ellas se esconde.

Dr. Rodrigo Rodrigues

Fez no dia 25 de janeiro findo um anno, que o dr. Rodrigo Rodrigues tomou posse do cargo de governador civil d'este districto.

Ainda hoje nos recordamos com saudade d'essa figura insinuante de verdadeiro democrata, modesto, activo e inteligente, e lamentamos não o termos a nosso lado para n'um efusivo abraço, lhe reiterarmos mais uma vez, os protestos da nossa muita admiração pelas suas nobilissimas qualidades.

O dr. Rodrigo Rodrigues é um bom cidadão e um bom republicano. Foi por isso mesmo bem merecida, a homenagem que o nosso presado collega *O Democrata* lhe prestou no seu ultimo numero e á qual gostosamente nos associamos.

O heroe prosegue

Continua grasnando no *Intransigente*, como agoirento corvo, o heroe da Rotunda, jornalista fallido *doublé* de deputado mudo.

Governo, Parlamento, Povo, tudo vae mal n'este paiz, excepto elle. Pena é que o heroe que tem logar na camara dos deputados, não se levante ali e diga ao governo e ao parlamento as babuseiras que solta na gazeta.

Ninguem ainda lá lhe ouviu a voz, senão para dizer que agradecia a pensão de 3 contos e pico e que lhe chamava um figo.

D'essa vez, Machado dos Santos, applaudiu o Parlamento.

Ir buscar lã...

Magnifica a caricatura que a *Capital* teve para commentar a famosa sessão parlamentar, em que se tratou da crise governamental que o almeidismo pretendeu estender a todo o ministerio, apresentando-lhe em varias moções infelizes ordem de despejo, depois de contra elle ter tecido a maior das intrigas.

Antonio José entrava para S. Bento, *leal, aberta e francamente, como sempre*, de cabeça erguida, rompante de leão, cabelleira ao vento e sahia... de beiça cahida, e cabeça rapada.

Foi buscar lã, sahiu tosquiado.

31 DE JANEIRO

Passou hontem mais um anniversario da memoravel data de 31 de Janeiro, que marca na historia do partido republicano uma das suas paginas mais gloriosas.

Infelizmente o paiz não poude celebrar como era seu desejo, esse solemnissimo dia. Um movimento grevista, de grande intensidade, perigoso para a Patria e para a Republica pelas suas consequencias, e que a todos traz sobresaltados, veio acalmar a febre do enthusiasmo com que o partido republicano tencionava celebrar essa data.

A Republica, que os traidores á Patria desejariam ver baquear, e pela qual os heroes de 31 de Janeiro derramaram o seu sangue, é hoje um facto em Portugal.

Tem ella vivido com grandes difficuldades, pela guerra acintosa e desleal que lhe teem movido os reaccionarios de todos os matizes. Ainda n'este momento de excepcional gravidade, ao sentirmos pulsar junto do nosso coração, o coração da Patria, perguntamos se não seria possivel chamar á lucta os miseraveis que provocam a intervenção estrangeira e dar-lhes um combate encarniçado e sem treguas para que, livre d'elles, o paiz podesse prosperar. Que o governo não trepide e castigue severamente os que perturbam a vida da nação. E' preciso não lhe conceder um momento de treguas, ser inexoravel perante o horrivel crime de causar o desassocego e trazer em constante sobresalto, milhares de cidadãos que precisam de paz para trabalharem e que por isso mesmo exigem que ella seja mantida atravez de tudo.

Proceda-se com energia, com desusada energia, mas acabe-se de uma vez para sempre com os discolos e perturbadores da ordem publica.

E' o que se nos offerece dizer, ao evocarmos enternecidamente a memoria dos vencidos de 31 de Janeiro.

Vida militar

Em comboio especial seguiu para Lisboa em 29 do mez findo, por 21 horas, um esquadrão de cavallaria 8, na força de 49 cavallos, sob o commando do snr. capitão Barão de Cadoro (Carlos), tendo como subalternos os snrs. tenente Moreira e aspirante a official Rogerio, e segundos sargentos Rato e Marçal.

—O ex.mo snr. coronel de engenharia Soeiro, inspector dos serviços de engenharia do Commando da 5.ª divisão do exercito, visitou os quarteis da guarnição, a fim de verificar o estado de instalação dos novos recrutas.

— Foram transferidos para os regimentos de infanteria 31 (Porto) e 35 (Coimbra), os snrs. major Manoel Soares d'Oliveira Junior e tenente José Joaquim Guedes de Mello, ambos de infanteria 24.

— A Secretaria da Guerra ordenou que, a fim de se evitar a promiscuidade de artigos militares usados com outros da classe civil e emquanto os recrutas não poderem apresentar-se inteiramente uniformisados, os mesmos trajarem em publico unicamente com o fato da classe civil.

— A fim de auxiliar a auctoridade administrativa na manutenção da ordem publica, marchou no dia 26 do mez findo para a Villa da Feira uma força de 30 praças de infanteria 24, sob o commando do snr. tenente Ferrão e segundo sargento Augusto.

— Seguiu para o Porto, a fim de ser presente á junta hospitalar de inspecção da 3.ª divisão do exercito, para mudança de situação, o snr. Coronel Commandante de infanteria 24, José Joaquim Peixoto.

— Assumiu o commando interino de infanteria 24, o snr. major José Domingues Peres.

— A instrucção aos recrutas de infanteria 24, 2.º batalhão, aquartelado no Asylo, continua a ser ministrada com toda a actividade e bons resultados, sob a digna direcção do snr. capitão Antonio da Rosa Martins.

— Foram transferidos por assim o pedirem: para ajudante do 1.º batalhão de infanteria 24, o ajudante do 2.º, snr. tenente Gamellas e para ajudante do 2.º batalhão, o ajudante do 1.º, snr. tenente Ruella.

As contribuições

As contribuições, extraordinariamente agravadas este anno, teem feito levantar milhares de protestos. Em todo o paiz é já pavoroso o numero de descontentes e ao governo cumpre evitar que esse descontentamento augmente, providenciando de fórma a que o povo não seja sobrecarregado com impostos que não póde pagar. Tencionavamos tratar hoje desenvolvidamente d'este assumpto. Não o fazemos, por a occasião não ser muito propria para isso.

No entanto desde já promettemos fazel-o no proximo numero, sem quaesquer especies de contemplações por algumas personalidades d'esta terra, que tendo comido com a monarchia, se preparam já para comer com a Republica.

Não, não póde ser.

Hão-de pagar o que os outros pagam, embora para o caso tenhamos de chamar a attenção das auctoridades competentes.

E' uma immoralidade, o que para ahi está feito. Mas fallaremos no proximo numero.

Theatro Aveirense

CINEMATOGRAPHO

Sabbados e domingos, terças e quintas-feiras

Sempre estreias

Fitas de grande sensação fornecidas pela casa «Pathé»

As melhores e de maior exito em todo o mundo

UM FACTO GRAVE A AVERIGUAR

Porque sahiu do ministerio da guerra em outubro de 1911 o general Pimenta de Castro? O general devia ou não responder em conselho de guerra? A crise de agora e a crise de outubro. A incursão couceirista. Hypotheses. O castigo do commandante de Bragança. Quaes foram as ordens da guerra. Perguntas varias. Varias considerações. Pede-se luz sobre o caso: em nome da disciplina, da justiça e da segurança da Republica!

A sessão parlamentar em que se discutiu a sahida do snr. Freitas Ribeiro de ministro das colonias, foi curiosa. N'ella deu as suas ultimas provas o almeidismo e soltou a *União* Camacho-Almeida, os seus primeiros arrancos de morte. N'ella se desmascarou muita cara e n'ella se provou mais uma vez a admiravel força do Grupo Parlamentar Democratico, que se manteve unido e solidario ao lado de Freitas Ribeiro, defendendo com calor a honra do illustre official, dos arreganhos moralões do almeidismo. Mas n'essa sessão não se passou apenas isso. A incoherencia almeidista ficou patente como uma chaga aberta. Quando abertas as camaras em outubro ultimo após a invasão couceirista, o Grupo democratico perguntou porque tinha sahido do ministerio o general Pimenta de Castro, o almeidismo barafustou contra nós, reduzindo-nos ao silencio com seus protestos desalmados e abafando-nos com a votação do *blóco*.

Pois d'esta vez o almeidismo irrequieto, apesar das cathegoricas explicações da crise, dadas em plena camara pelo primeiro ministro snr. dr. Augusto de Vasconcellos e pelo proprio snr. Preitas Ribeiro, não se achando satisfeito, atroou os tectos de S. Bento com gritos furibundos pedindo outras explicações da sahida do nosso amigo.

Occorreu-nos perguntar-lhes então, porque é que da outra vez não deixaram que nos explicassem a queda de Pimenta de Castro. Fizemos essa pergunta em áparte, mas ninguem nos respondeu no vozear da discussão. Ora nós não precisamos de salientar mais a incoherencia do grupelho almeidista, mas o que a proposito nos lembrou, foi saber a razão porque o general Pimenta de Castro sahiu do ministerio. Pimenta de Castro não se demittiu, foi demittido. Elle mesmo o confessa, n'uma *interview* ao *Seculo*.

Foi, pois, posto fóra do governo.

Mas porquê?

Por divergencias suscitadas no seio do ministerio, com respeito ás medidas de defeza contra a invazão dos bandidos da Galiza, disseram as notas officiaes.

A isto apenas o *Intransigente* do Machado dos Santos, jogando biscas ás medidas tomadas contra os traidores, acrescentou que Pimenta de Castro, o grande amigo do heroe, era o unico homem com juizo n'este paiz. E nada mais.

Analizemos a explicação, extra-parlamentar, que da crise nos deram. Extra-parlamentar notemos, para que bem se saiba que o almeidismo e o blóco, aquelle nefasto e infeliz *blóco* que morrendo gerou a não menos infeliz e nefasta *União*, se recusou a explicar na Camara a queda do general.

Analisemos pois essa explicação.

Houve divergencias no governo.

De que natureza foram essas divergencias?

Seriam nas medidas a tomar, ou propriamente no plano estrategico de ataque aos conspirantes?

Não cremos que fossem n'este ponto as divergencias, porque desde que o ministro da guerra apresentasse em conselho um plano estrategico que necessariamente deveria ter sido estudado pelo Estado Maior, e pela sua eficacia se responsabilisasse, nenhum outro ministro tinha o direito de lhe levantar difficuldades. Mas houve algum plano do ministro? Apresentou Pimenta de Castro algum plano?

Qual era esse plano? E' o que se tem a perguntar, é o que seria conveniente saber. N'este caso quem andou mal e quem errou? Os restantes membros do governo ou o general Pimenta de Castro?

O heroe da Rotunda disse que o general. Mas isso só nos faz desconfiar mais do caso, pois que o Machado tem reprovado todas as medidas de defeza da Republica, á excepção dos trez contos e pico que lhe deram.

Demais, como não podemos pôr em confronto a competencia technica de nenhum dos ministros de então com a do titular da guerra, temos de collocar estas hypotheses: ou o general Pimenta de Castro tinha razão e os restantes collegas exerceram contra elle uma violencia que deu em resultado a impunidade dos conspiradores, e n'este caso seriam difficeis os applausos do heroe da Rotunda, ou o general apresentou um plano estrategico tão desastrado, que o simples senso dos paizanas do governo e do capitão de artilharia Sidonio Paes, então ministro do Fomento, julgaram desde logo inferior e perigoso, ou o general nada fez para obstar á invazão e castigar os conspirantes e se recusou a defender a Republica devidamente, contra os traidores da Gallisa.

Qual d'estas hypotheses é a verdadeira?

A pergunta não é coisa de pouca importancia como á primeira vista parece. Se no primeiro caso, a questão nada interessa e se resume a uma intriga politica, no segundo e no terceiro, interessa immenso ao paiz e ao exercito, á ordem e á disciplina da Republica.

Na verdade a ter-se dado alguma d'estas ultimas hypotheses, o facto não deveria ter passado sem um conselho de guerra que julgasse o general.

O caso é pois serio, muito serio e muito grave.

O general não pediu um conselho de guerra. O seu successor não o fez sujeitar a um conselho de guerra Mas nem por isso a duvida deixa de existir e a suspeita desapparece.

Para um militar essa suspeita e essa duvida são importantes.

N'um assumpto de tanto interesse para o paiz, como é o da defeza, não póde deixar-se uma pergunta d'estas sem resposta, nem uma duvida semelhante sem se esclarecer.

O commandante de Bragança foi accusado de proceder com pouca decisão e inergia, de falta de zelo e previdencia militar e foi castigado.

Mas o commandante Baião foi accusado de traidor á Republica. A sua falta de zelo e decisão, foi por muitos acoimada de cumplicidade com Paiva Couceiro.

O coronel protestou contra taes suspeitas e defendeu na imprensa o seu plano, esclarecendo o paiz sobre as suas intenções.

Procedeu mal como militar o commandante de Bragança? parece que sim.

Disse-o o ministerio da guerra.

Disseram-o os entendidos. Deixou-nol-o adivinhar na interessantissima descripção da sua viagem ao norte de Vinhaes, publicada na *Liberdade*, o nosso illustre amigo snr. major Peres, commandante da columna.

Mas, perguntamos nós — o coronel Baião foi o unico responsavel, o unico culpado pela incursão e pela impunidade das hostes couceiristas?

O telegrapho funccionava entre Bragança e Lisboa. A noticia da incursão foi dada para Lisboa telegraphicamente. Quaes foram as ordens dadas ao commandante de Bragança pelo ministerio da guerra?

Quaes as medidas que o ministerio da guerra tomou, para castigar Paiva Couceiro e impedir o seu assalto a Bragança e a sua retirada para Hespanha.

O commandante de Bragança não o disse. Ninguem soube quaes essas ordens ou essas medidas.

Pois precisavamos saber: 1.º com que elementos de defesa conta Portugal para obviar a sua invasão pela fronteira. 2.º com que militares e funccionarios podemos contar n'um caso identico. 3.º como procedeu então o ministerio da guerra.

Ora o que se soube e soube-o toda a gente, é que *Paiva Couceiro esteve 36 horas em territorio portuguez* e que fugiu com medo, mas que não foi castigado como o podia ser. Trinta e seis horas esteve o bandido dentro de Portugal, sem ser destroçado como devia ser. Que defesa foi a que a guerra organisou? quaes as ordens que deu? Ninguem o poude saber ainda.

O que toda a gente soube, o que toda a gente viu, foi que *Couceiro esteve 36 horas internado em Portugal e sahiu impune*, quando nem 6 horas deveria passar sem ser castigado exemplarmente.

E o que apoz isto se soube e se viu, foi sair do governo o ministro da guerra,

Porque saiu esse ministro, pergunta-se então legitimamente?

Foi elle um militar desastrado ou um militar sem zelo, sem inergia, sem decisão?

Fez um pessimo serviço, apresentou um pessimo plano ou não fez o que devia, não tomou as medidas que lhe cumpria tomar para assegurar a integridade do territorio da Republica?

Em qualquer d'estes casos, as suas responsabilidades são immensamente maiores e mais graves que as do commandante de Bragança, o unico que foi castigado, apesar de se defender bem.

Em qualquer d'estes casos, as responsabilidades devem ser-lhe pedidas perante os tribunaes militares, visto que as póde ter e não só como militar mas como ministro, porque os ministros são, segundo a Constituição, responsaveis pelos actos que praticarem.

Porque cahiu Pimenta de Castro em situação tão melindrosa?

Tratando-se de um militar, o caso não póde ficar obscuro ou impune.

A disciplina no exercito, exige uma justiça rigorosa e sem hesitações. A justiça, como a responsabilidade, são para todos e tanto maiores quanto mais altas são as patentes e os encargos. E teem de ser rigorosas para todos, para todos, desde o soldado até ao general, sem um favor, uma falha, uma excepção.

E desde o commandante d'uma força ou de uma praça, até ao proprio ministro da guerra da Republica!

Porque cahiu o general Pimenta de Castro? Foi por intriga politica apenas? Convinha saber-se!

Reprovamos todos os excessos

Alexandre de Barros é um deputado por Santo Thyrso, que muito conviveu com o povo republicano do Porto na sua propaganda e nos seus comicios.

Alexandre endireitou ao almeidismo e tomou ganas de com o mestre José de Almeida, pôr este paiz na *ordem*.

Para metter o povo na *ordem*, Alexandre disse-lhe n'outro dia no Porto estas educativas phrases — *Deus é um monstro. E' preciso matar Deus!* O povo republicano a quem chamam *demagogico* não o deixou continuar, soltando morras ao charlatanismo almeidista.

Pouco depois Alexandre, no Parlamento, onde muito bem substituiu o snr. Oliveira Mattos, entendendo que o governo era outro *monstro* e que era preciso *matal-o*, como ao monstro divino, apresentou uma moção de desconfiança ao governo.

A camara votou o contrario.

Em paga, o povo, quando Alexandre regressou ao Porto, foi esperal-o á estação de S. Bento e fez-lhe uma tremenda assuada. E ahi estão trez coisas que nós não applaudimos: nem a phrase de Alexandre, nem a moção de Alexandre, nem a troça a Alexandre.

A primeira, porque intendemos que não se fala a uma multidão em semelhantes termos. A segunda, por ser um disparate de sordido manejo da politiquice almeidista, sem razão na opinião publica. A terceira, porque costumamos sempre ser solidarios para com todos os collegas, ainda quando nossos adversarios, reprovando abertamente todas as desconsiderações ou violencias de qualquer ordem, que contra elles mova seja quem fôr, até mesmo aquelle povo com quem tanto sympatisamos.

Casa Richard Gans, Madrid

Do snr. Alfredo Cabral, activo e digno representante em Lisboa da importante fundição typographica Richard Gans, de Madrid, recebemos um artistico calendario brinde para 1912, primorosamente impresso pelos mais modernos processos.

A casa Richard Gans, que está fornecendo quasi todos os grandes diarios portuguezes, é um estabelecimento modelar, trabalhando como uma das melhores fundições estrangeiras que é. N'esta casa tem *A Liberdade* feita a importante encomenda do seu material typographico, que em breves dias deve sahir de Madrid com destino a Aveiro.

A' casa Gans e ao seu representante em Lisboa, os nossos agradecimentos.

REGISTO

Renascença Portugueza

"A AGUIA,,

Recebemos os estatutos da Sociedade Litteraria *A Renascença Portugueza*, de que fazem parte os nomes mais aureolados dos nossos homens de lettras.

A' *Renascença Portugueza*, que tem por orgão a magnifica revista *A Aguia*, dedicaremos em breve palavras de especial apreço, offerecendo-lhe desde já a nossa cooperação.

Gil Vicente. **Auto da Barca do Inferno.**

Offerecido pelo illustre poeta Affonso Lopes Vieira, recebemos um bello volume com o *Auto da Barca do Inferno*, por elle publicado. No proximo numero a elle nos referiremos.

Administração geral dos Correios e Telegraphos. — Portugal. — Estatistica Geral dos Correios. — Anno de 1909.—Imprensa Nacional.

Da Direcção dos Correios de Aveiro, recebemos este volume da estatistica do movimento postal em 1909.

Agradecemos.

Fallecimento

No passado dia 28, falleceu na sua casa da Granja, o snr. Duarte Ferreira Pinto Basto, um dos proprietarios da fabrica da Vista-Alegre.

Por tal motivo estão os trabalhos paralysados n'aquelle estabelecimento durante trez dias.

EM LISBOA

O ultimo cartucho da reacção. Elementos anarchistas e syndicalistas promovem a gréve geral com o auxilio dos reacionarios monarchicos. Decreta-se o estado de sitio e suspensão de garantias. São presos e conduzidos para bordo dos navios de guerra cerca de 700 operarios, e o ex-ministro da monarchia, José de Azevedo.

Como protesto contra o procedimento do governo e auctoridades de Evora, que energicamente reprimiram o movimento grévista que ha dias se desenrolou n'aquella cidade e que causou innumeros prejuizos ao commercio e á agricultura, resolveu a União dos Syndicatos Operarios declarar a gréve geral em Lisboa.

Este movimento, pacifico a principio, tornou-se em breve na mais perigosa das revoluções, pelo incitamento e auxilio material que os operarios recebiam dos reaccionarios monarchicos, empenhados em que a gréve não fracassasse.

Era este o ultimo cartucho da reacção.

O movimento de transportes, paralysou por completo em Lisboa. Os vehiculos que appareciam nas ruas eram apedrejados e maltratados os conductores. Esta situação era insustentavel, tanto mais que aqui e além explodiam bombas de dynamite que causavam um extraordinario panico e faziam algumas victimas. O governo resolveu decretar o estado de sitio e suspender as garantias, emquanto se não entrasse em perfeita normalidade.

O *Diario do Governo* publicou, por isso, o seguinte decreto:

Presidente da Republica—Uzando da faculdade que me confere o n.º 6 do art.º 47.º da Constituição da Republica Portugueza, nos termos do n.º 16 e seus paragraphos do art.º 26.º da mesma Constituição, hei por bem, sob proposta dos ministros de todos os ministerios, decretar que:

Artigo 1.º—E' declarado o estado de sitio, com suspensão total de garantias, no districto de Lisboa até ulterior deliberação do Congresso da Republica, ficando o mesmo districto entregue á defesa, protecção e guarda do commando geral da primeira divisão militar, que usará, para manter a ordem publica, de todos os meios coercivos indispensaveis.

Os ministros das differentes repartições assim o tenham entendido e façam executar.

Paço do Governo da Republica, em 30 de janeiro de 1912.

(Seguem-se as assignaturas do presidente da Republica e de todos os ministros).

Foi tambem affixado n'alguns edificios, o seguinte

EDITAL

Antonio Carvalhal da Silveira Teles de Carvalho, commandante da 1.ª divisão do exercito da 1.ª circumscripção militar:

Faz publico que pelo governo da Republica, foi decretado o estado de sitio e suspensas totalmente as garantias constitucionaes no districto de Lisboa e entregue ao poder militar o governo da cidade e a manutenção da ordem publica.

N'estas condições, convido todos os cidadãos pacificos a recolherem a suas casas depois das suas occupações durante o dia e á noite, depois do toque de recolher nos quarteis.

Não são permittidos os ajuntamentos nas ruas e praças publicas, os quaes serão dissolvidos pelo emprego das armas, depois de esgotados todos os meios suasorios.

E' absolutamente garantida a liberdade de trabalho.

Pouco depois a União dos Syndicatos era cercada pelas forças militares e presos e conduzidos para bordo dos navios de guerra cerca de 700 operarios, entre elles os chefes do movimento. Foi tambem preso o ex-ministro da monarchia José d'Azevedo, que se presume esteja implicado nos acontecimentos. O snr. Ribeiro de Almeida, illustre governador civil d'este districto, mandou affixar nos Arcos um edital, em que dá conta das providencias adoptadas pelo governo para reprimir o movimento.

A nota officiosa fornecida pelo governo é a seguinte:

A gréve geral, que parece fôra decretada na união dos syndicalistas como movimento de solidariedade com os ruraes d'Evora, aggravou-se nos dois ultimos dias, assumindo proporções de violencia revolucionaria.

Pediram ao governo a abertura das associações d'Evora. O governo, ouvido o governador civil, determinou a abertura das associações que não tinham sido dissolvidas e ordenou que os presos fossem immediatamente entregues ao poder judicial, para serem soltos sob fiança e immediatamente auctorisou uma commissão de ferro-viarios de Evora, a verificarem a inexactidão das informações dos grévistas.

Apezar dos esforços tentados pelo governo, continuavam as violencias, sendo os carros electricos impedidos de circular, lançando-lhes bombas e sendo ferido o pessoal e damnificado o material.

Houve tambem violencias contra cocheiros e chauffeurs e bombas sobre a guarda republicana e a tropa, e nas associações mostravam-se bombas e armas e distribuiam-se manifestos e convites á destruição da propriedade e ao attentado pessoal.

O conselho de ministros em sessão permanente desde o inicio da gréve, deliberou hontem ás 15 horas proclamar o estado de sitio no districto de Lisboa e entregou o governo da cidade e a manutenção da ordem á auctoridade militar, tendo o Ex.mo Presidente da Republica assignado o respectivo decreto.

De fóra da cidade chegam noticias identicas, em especial da Moita, Setubal e Aldegallega. Na Moita foi assassinado o administrador. No norte fracassaram as tentativas de gréve e abortou em Coimbra, onde a populaça protesta o seu appoio ao governo. Em Lisboa, depois da suspensão de garantias foram presas algumas personalidades compromettidas, taes como José d'Azevedo e os chefes dos Syndicalistas, aos quaes foram apprehendidas bombas. Tudo indica que o movimento, a que se pretendeu arrastar os honrados operarios de Lisboa, foi planeado por elementos syndicalistas em intima relação com anarchistas, e sustentado por dinheiro dos reaccionarios monarchicos.

Espera-se que a normalidade seja alcançada em 24 horas.

Presidente do Conselho,
Augusto de Vasconcellos.

Em á *Ultima Hora*, daremos noticia do que nos fôr communicado por telegramma, que esperamos receber poucas horas antes de o nosso jornal entrar na machina.

Notas pessoaes

Encontra-se incommodado, guardando o leito, o snr. José da Fonseca Prat.

— Tambem atacado de grippe se encontra de cama o snr. dr. Luiz de Brito Guimarães, presidente da camara e professor do lyceu.

— Parte por estes dias para o Brazil, acompanhado de seu pae, o snr. Antenor Ferreira de Mattos.

— Vimos n'esta cidade os snrs. Antonio Lebre, da Quinta do Picado; Alberto Ferreira Martins, da Gafanha; Alberte Ferreira Pinto Basto, do Paço de Ilhavo; Eduardo Craveiro, de Ilhavo; e Luiz Moraes, de Vagos.

Motocyclettes **N. S. U.** a melhor, a mais elegante, a mais duravel, a mais simples, as unicas que venceram as grandes corridas do Porto a Lisboa. O agente nos districtos de Aveiro e Vizeu, **Miguel Marques Henriques** — Albergaria a Velha.

Não podemos, por absoluta falta de espaço, tratar n'este numero da questão clerical.

Fal-o-hemos na proxima semana.

Como a Companhia dos Phosphoros cumpre o contracto com o Estado...

—(*)—

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Ao snr. Ministro das Finanças

A commissão parochial de Santa Maria do Castello, de Torres Vedras, deliberou em sua sessão protestar contra a forma vexatoria por que a Companhia dos Phosphoros está cumprindo o seu contracto, visto haver caixas que não teem mais de 30 phosphoros e estes de pessima qualidade, quando o contracto exige 50 a 55. Que fará o delegado do governo junto da companhia? Servirá só para receber o seu ordenado? Ou isto continuará como no tempo da ignominiosa monarchia?! Ou servirá só para os accionistas encherem os bolsos, emquanto que o pobre na sua miseria ainda terá que vender a unica camisa que tem no corpo para satisfazer os desejos e ambições de taes exploradores?!

Aqui deixamos as nossas considerações á apreciação dos nossos muito dignos congeneres, para que juntem o seu esforço ao nosso a fim de podermos levar isto pelo meio moral e legal.

Saude e Fraternidade,

Torres Vedras, 30 de janeiro de 1912.

O PRESIDENTE.

Francisco Firmino
Joaquim dos Santos Ferreira
José Gomes
Julio Augusto dos Santos.

O CARNAVAL

Teem sido muito concorridos, os bailes de carnaval no Salão de Ensaio da Banda dos Bombeiros Voluntarios.

Ha um excellente serviço de restaurante.

Curso musical

Amelia Marques Pinto

PROFESSORA DE PIANO, VIOLINO E BANDOLIM.

Largo do Rocio — AVEIRO

Pelo districto

Agueda, 28.

Escrevo-lhes, quasi sempre, a correr. Por isso algumas faltas, *gatos,* tenho notado nas minhas correspondencias ao lel-as com socego em momentos de descanço. Tudo isso me deve ser perdoado.

Ha dias li na *Soberania* um artigo do snr. Fernão Corte-Real, apresentando os republicanos de Agueda como politicos excessivamente intolerantes. Receiava até o seu auctor que um empregado fiscal, aqui collocado, fosse transferido por manter com elle relações de amisade. O snr. Fernão Corte-Real não diz a verdade e sabe bem que a não diz. O proprio auctor d'estas linhas, mantem relações de amizade com pessoas de *todos* os campos politicos e os seus correligionarios sabendo-o, como sabiam, nunca lhe dirigiram qualquer observação ou censura por esse procedimento. Porque se lembraria o snr. Fernão Corte-Real de procurar para assumpto do seu artigo, um motivo que não existe? Comprehende-se bem a sua má vontade, mas não é justo nem airoso atacar com armas desleaes.

Ha n'este concelho grande numero de animaes atacados de febre aphtosa. Como esta doença se propaga pelo leite dos animaes atacados, lembramos ao snr. administrador ou a quem compete, uma visita a casa dos lavradores que diariamente fornecem para a villa, o leite dos seus rebanhos ou das suas manadas.

Dizem-nos que, sem auctorisação da hydraulica, levantaram a calçada ao longo do jardim do Caes, para construir outra em sitio differente.

E' isto! Em logar de embelezarem o jardim, trata-se ainda de o prejudicar. A camara queixa-se da falta de dinheiro para olhar convenientemente pelos assumptos que lhe dizem respeito, mas o povo diz e com razão, que o dinheiro se arranja com boa vontade e trabalho. Com effeito a camara, se tivesse, por exemplo, requerido que a distribuição do azeite hespanhol no concelho, lhe fosse confiada, ganharia com isso approximadamente cem mil réis e mostraria ao povo que a Republica olha pelos seus interesses, fornecendo-lhe esse artigo pelo preço de 280 o litro.

Ha ahi um problema a resolver e de grande alcance economico—o dos baldios. Dinheiro perdido. Deem-se, isto é, distribuam-nos ou vendam-nos. Este estado é insuportavel, porque só convem aos ricos. Os que teem, alargam. Os que são pobres e nada teem, teem a cadeia quando apanham as migalhas dos ricos.

E' isto toleravel?

Depois de apresentadas estas observações, fallámos no assumpto com o snr. presidente da camara, que nos disse ser seu desejo resolver o problema, mas que era de toda a conveniencia esperar pela publicação do novo codigo.

Recebemos ha dias noticias de Antonio Marinheiro. Antonio Marinheiro é um republicano valente, sem receio de deparar maior amor á Republica, do que o do seu ardente coração.

Ao lembrar-me d'esse rapaz, que tinha a grande aspiração de morrer na lucta em defeza da Patria, que vivia para a Republica, exaltadamente, cegamente, sem querer vêr as affeições que a toda a hora o chamavam para baixo da sua torre de marfim, eu sinto as lagrimas humedecerem-me os olhos e ainda mais amargura vertida no meu espirito. A sua grande vontade n'esta terra, era mostrar, com boa politica, que a razão era toda d'elle. E partiu para a Africa! Partiu, levando nos labios frementes a indignação mal contida e no coração o supremo desespero de ter de confessar razão aos que o chamavam.

Querido amigo: fiz tudo quanto em mim cabia para viveres ao nosso lado e foi a tua partida—podes crêl'o—o que mais preparou a barreira que me separa da actual situação politica de Agueda. Que sejas ao menos feliz n'essas terras d'Africa, onde com certeza andas a communicar aos teus amigos, o louco enthusiasmo que tens pela nossa Republica!

Em tempo, o snr. conde de Sucena fundou n'esta villa uma associação de soccorros mutuos.

Fundou-a só para fazer abortar um projecto de associação, que podia fazer mal á politica progressista. Sobre isso não ha duvida. Não foi por generosidade, por altruismo, foi por politica e a prova tirou-se mais tarde. Fundou-se a associação, approvaram-se estatutos, etc. Um dia, conseguidos os fins politicos, o snr. conde de Sucena entendeu que devia acabar com a associação, supondo que por a ter fundado era pertença sua. Mas não houve quem se opposesse. A propria auctoridade que devia metter na ordem o snr. conde de Sucena não o fez, por politica. Veio a Republica e o administrador cumpriu o seu dever—chamou a contas os corpos dirigentes da falida associação. O que se passou? Parece que concordaram em que ella devia continuar a existir, mas nunca mais a associação deu signal de si.

O que ha? O snr. administrador esqueceu-se de velar pelo cumprimento da lei, ou a associação ainda existe... encapotadamente? E' o que muitas pessoas interessadas no assumpto desejavam saber.

Alguns republicanos antigos—custa-me sempre notar publicamente qualquer differença entre republicanos antigos e republicanos modernos, quando estes são sinceros, mas para reforçar o caso assim convem agora dizer — alguns republicanos antigos, ia eu dizendo, tiveram a lembrança de promover para breve um comicio, a fim de se protestar contra o monopolio que em minha ultima correspondencia censurei. Alguns d'esses republicanos não eram de Agueda, mas ainda assim, desgosta-os que se procure prejudicar a praça da Republica, local de rara belleza, em proveito d'um outro local que não merece essa escandalosa protecção. Entre os negociantes da praça da Republica a irritação é enorme contra os que procuram sobrepôr aos interesses d'uma terra, os seus interesses pessoaes.

De mais de um estabelecimento sabemos nós, que se ressentiram grandemente com a mudança da repartição de fazenda e recebedoria.

A indignação lavra com intensidade e conhecemos bem a vontade e a facilidade com que n'esta terra se fazia uma agitação, que se não limitaria sómente á rhetorica ôca e insignificante do tablado.

De toda a parte nos chegam palavras de incitamento, á continuação da nossa campanha em pról de Agueda e para prestigio da Republica.

Continuaremos.

Armando Castella.

Moitinhos, 18—1—912.

Quando o denodado paladino do norte—*A Liberdade*—sahir do prélo, acaba de passar por duas datas memoraveis nos annaes da historia portugueza.

O 31 de Janeiro de 1891, é uma d'essas datas em que o povo do norte n'uma ancia de liberdade e revolta contra o *ultimatum* de 11 de Janeiro de 1890, se levantou na cidade invicta um movimento insurrecional. Infelizmente a Republica esteve só alguns momentos implantada no Porto, chegando a tremular na casa da Camara a bandeira, hoje victoriosa.

Tomaram parte activa n'essa infeliz jornada vultos importantes, taes como: capitão Leitão, tenente Coelho, alferes Malheiros, Alves da Veiga, João Chagas, (o temivel pamphletario) Santos Cardoso, (com uma linguagem de fazer tremer na *Justiça Portugueza)* mais tarde vendido á realeza, recebendo em troca a *posta* de Governador de Ambriz, o actor Verdial, que leu na varanda da casa da Camara os nomes que compunham o governo provisorio, o abbade de S. Nicolau, Paes Pinto, que dirigia ao exercito palavras de consolação e esperança na nova aurora que deveria raiar.

Tudo perdido... mas a *arvore* enraizou, apresentando o fructo bem sazonado em espaço longo—19 annos.

D'essa epocha, volvidos dezassete annos (que nem de aviso serviu) apparece-nos o mesmo 31 de Janeiro, dia este em que João Franco e Carlos I, quizeram galardoar aquelles feitos nos homens mais eminentes do partido republicano de então.

N'esse dia, estando os principaes vultos em varias masmorras retirados dos amigos, escondidos dos entes mais caros na vida, são presenteados com um decreto mortifero (se fosse executado) em que, sem mais preambulos, os metteria a bordo e os conduziria a Timor. Seria barbara a sentença? Era necessrio despojar os republicanos do solo portuguez, reduzindo as familias á miseria. Foi sempre o que teve em vista o tal que «caçava no mesmo terreno que os republicanos» e os seus sequazes de casaca e batina.

A seguir a esta data, a aurora desponta com mais felicidade para aquelles que queriam uma patria livre de bandoleiros. Foi o 1.º de Fevereiro, que arrastou da caçada de Villa Viçosa para Lisboa, D. Carlos e mais comitiva. E' esse um dia dos mais memoraveis que ficará para sempre gravado na historia. Ao chegar o tyranno ao Terreiro do Paço, tombou ás balas mortiferas de Alfredo da Costa, e logo adiante, Buiça, distanciado da carruagem, despeja da sua carabina balas tão certeiras, que ferem D. Manuel e matam D. Filippe.

Estes dois heroes, obscuros obreiros da humanidade, deram a liberdade aos deportados marinheiros em Timor e abriram as masmorras aos implicados no 28 de janeiro, arriscando e perdendo tão preciosas vidas, hoje tão lembradas, assim como o infeliz Sabino da Costa (sem em nada tomar parte) tambem não escapou ás mãos assassinas da famigerada policia.

Foi este o tragico fim da perversa dictadura franquista, de nefanda memoria. Seguiu-se o ministerio de *acalmação* n'essa ominosa monarchia com a *radiosa mocidade* á frente, cujos animos ficaram *acalmados* até á morte do grande livrepensador — o terror dos jesuitas— dr. Miguel Bombarda, não fallando da carnificina nas primeiras eleições em Lisboa.

Assim findou a dynastia de Bragança, que, para derruir, tanto sangue e sacrificios causou ao povo portuguez. Quando estes acontecimentos não estejam na memoria de todos, estão na de muitos. Por isso nunca será de mais, ao atravessarmos essas celebres datas, relembrar esses factos. Agora, paz, ordem, justiça e progresso é o que o povo necessita, embora haja quem pense e deseje o contrario.

Falleceu no dia 25, José Pedro Pequeno, do logar da Ermida, cunhado do nosso amigo, Manuel Branco. Era geralmente estimado por todos os que o conheciam.

Que durma em paz o somno eterno.

Vae grassando por aqui com bastante intensidade, a tosse de coqueluche, não havendo felizmente victimas a lamentar.

Constou ter sido preso, no dia 22, em Villar Formoso, Julio Nunes Rafeiro, chegando a essa cidade no dia 26. Teem corrido varias versões sobre a alludida prisão, mas não sabemos a qual dar credito.

Suzano.

Alquerubim, 29—1—912.

Falleceu, na noite de sabbado para domingo, no logar do Ameal d'esta freguezia, Anna Corrêa, mulher de avançada edade. Passou n'este mundo muita fome e muito frio, aparecendo morta no domingo de manhã.

Tambem esta noite falleceu em Beduido, Aires Gomes, victimado pela tuberculose. Deixa tres filhinhos na miseria.

Em Paus, tambem falleceu hontem uma creança. E digam lá que o logar de coveiro não é bom!

O povo da freguezia de Lamas, concelho d'Agueda, capitaneado pelo seu regedor, e armado, foi no dia 24 do corrente fazer uma «correição» no extremo d'aquella freguezia e Alquerubim, marcando uma estrema que prejudica ésta freguezia. Hão-de comparecer as duas juntas de parochia, para d'harmonia com a lei assentarem n'uma estrema definitiva, que não prejudique as duas freguezias.

Os temporaes dos ultimos dias fizeram abater, mais d'um palmo, o telhado e madeiramento da egreja parochial d'esta freguezia, esperando-se uma derrocada que será medonha! Em tal egreja... nem santo se poderá ser na occasião em que o telhado, cançado de estar ha tanto tempo, lá em cima, queira vir agora *descançar*...

C.

Requeixo, 29—1—12.

Cidadão Redactor:—Não me foi entregue o n.º da *Liberdade* de quinta-feira ultima e certamente essa falta foi determinada pela transferencia da caixa postal d'esta localidade, no dia em que o jornal aqui devia ser distribuido. Rematou com *chave d'ouro* esse ramo de serviço publico o ex-encarregado postal, que, diga-se de passagem, só deixou saudades a quatro ou cinco creaturas, não porque o serviço a seu cargo o recommendasse, mas simplesmente porque se trata de deprimir o procedimento da junta de parochia, que teve a ousadia, a grande temeridade, de pedir a transferencia que se effectuou na sexta-feira preterita, sem previa consulta da C.ª Posso, Quero & Mando.

Respeitando a salubridade publica, deixamos o ex-encarregado da caixa postal de Requeixo. O seu procedimento como encarregado de tal serviço, dispensa commentarios. Diremos apenas que em Requeixo nada se póde pedir em harmonia com a razão e a justiça. Quem tal fizer fica exposto á censura acre de certos magnates, que não admittem que alguma coisa se faça sem sua ordem, sem a sua suprema vontade.

Se é licito a todo o individuo, verberar o procedimento de quem quer que seja, não menos permittido é testemunhar aqui ao snr. Director dos Correios o reconhecimento da grande maioria do povo de Requeixo e de muitas pessoas dos logares visinhos, pelo seu procedimento correcto e altruista na transferencia da caixa postal n'este logar. Foi assim que o snr. Cidraes conquistou a estima e consideração do povo.

C.

Ultima hora

AS NOSSAS INFORMAÇÕES

Não recebemos hoje, como esperavamos, communicação alguma de Lisboa.

Hontem á noite depois do rapido, conseguimos obter as seguintes informações, que os jornaes da tarde publicam tambem:

O dia decorreu tranquilamente. A ordem está assegurada; os serviços publicos normalisados e a cidade retomou o seu ar habitual. Entretanto o policiamento fez-se com todo o rigor.

Um pouco antes das 10 horas, como um grupo de operarios estacionasse contra a ordem junto do kiosque conhecido pela «Boia», uma força da guarda republicana de cavallaria deu uma carga, havendo correrias.

— Todos ou quasi todos os batalhões voluntarios estiveram a noite passada no serviço da Republica, occupando diversos postos.

— No quartel dos Paulistas estiveram um grupo de atiradores civis e o batalhão de Santos. O batalhão esteve, das 2 1|2 até depois das 7 horas, na cêrca, á chuva.

N'aquelle quartel recolheram-se algumas dezenas de presos que alli teem estado e estão ainda incommunicaveis e que foram presos pouco depois da 1 hora na rua do Seculo.

Além dos batalhões estiveram promptos á primeira voz, em varios sitios da cidade, grupos de cidadãos que sempre teem mostrado o seu amor pela Republica.

— Ha ámanhã reunião das duas camaras. O governo apresentar-se-ha no Congresso Nacional a dar conta das providencias que tomou e a communicar tambem a solução da crise ministerial.

— A União Ferro-Viaria distribuiu um manifesto aconselhando aos operarios a maxima ponderação, visto os acontecimentos estarem já a ser explorados pelos inimigos da Patria e da Republica.

— São destituidos de fundamento os boatos que teem corrido de que o governo está demissionario. Apenas o snr. tenente-coronel Silveira gerirá a pasta do interior, emquanto estiver ausente o snr. Silvestre Falcão.

— José de Azevedo foi para bordo da fragata «D. Fernando», onde entrou n'um camarote, recolhendo depois ao porão. Vae ser transferido para bordo do «5 de Outubro», a fim de poder estar incommunicavel.

São estas as informações que obtivemos de origem particular e que em parte veem publicadas nos jornaes da tarde.

Annuncios

Citação-Edital

(1.ª publicação)

NO cartorio do quarto officio d'este Juizo se acham uns autos de arrolamento ao espolio deixado por Emilia Branca, que foi d'esta cidade, fallecida no Hospital Civil de Aveiro. E n'este processo correm editos de trinta dias, a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio no respectivo jornal, chamando e citando os herdeiros incertos da fallecida, para na segunda audiencia d'este Juizo, depois de findar o prazo dos editos, deduzirem a sua habilitação, nos termos da lei, sob pena de revelia.

As audiencias n'este Juizo fazem-se todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, não sendo taes dias feriados, sempre por dez horas, no Tribunal Judicial d'esta comarca, sito na Praça da Republica d'esta cidade.

Aveiro, 16 de Janeiro de 1912.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Regalão.

O Escrivão,
João Luiz Flamengo.

ANNUNCIO

(1.ª publicação)

NOS termos e para os effeitos legaes se annuncia que por sentença d'este juizo, de 19 de dezembro de 1911, que foi publicada e transitou em julgado, nos autos de acção de divorcio proposto por Antonio da Maia, casado, negociante, de Aveiro, contra sua esposa Rachel Catharino, residente em Arada, d'esta comarca, foi auctorisado o divorcio dos conjuges aquelles Antonio da Maia e Rachel Catharino.

Aveiro, 12 de Janeiro de 1912.

O escrivão do 3.º officio,
Albano Duarte Pinheiro e Silva.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Regalão.

CITAÇÃO-EDITAL

(1.ª publicação)

POR o Juizo de Direito d'esta comarca e cartorio do escrivão do quarto officio Flamengo, que este assigna, se processam e correm seus devidos e legaes termos uns autos de inventario orphanologico a que se procede por fallecimento de Joaquim Nunes Alegrete, casado, que foi morador no logar da Chousa Velha, freguezia de Ilhavo, d'esta comarca, e em que é inventariante e cabeça de casal Maria de Jesus, viuva do fallecido, residente no mesmo logar. E n'este processo, sem prejuizo do andamento do inventario, correm editos de trinta dias, a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio no respectivo jornal, chamando e citando o interessado Domingos Nunes Alegrete, solteiro, maior, ausente em parte incerta, filho do inventariado, para assistir a todos os termos até final do mencionado inventario, e n'elle deduzir os seus direitos, constituindo procurador ou escolhendo domicilio na séde da comarca para receber as precisas intimações, sob pena de revelia. Pelo presente, são egualmente citadas todas e quaesquer pessoas incertas que se julgarem interessadas na mesma herança para virem deduzir os seus direitos, nos termos da lei, sob pena de revelia tambem.

Aveiro, 24 de Janeiro de 1912.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Regalão.

O Escrivão,
João Luiz Flamengo.

CITAÇÃO-EDITAL

(1.ª publicação)

POR este Juizo, escrivão Marques, correm editos de 30 dias a contar da ultima publicação d'este annuncio, citando os co-herdeiros Manoel Dias Gomes, solteiro, maior, e Francisco Dias Gomes, casado, ausentes em parte incerta do Brazil, para todos os termos do inventario orphanologico aberto por obito de sua mãe Angelica Nunes, viuva de Manoel Dias Gomes, moradora, que foi, em Sarrazolla, freguezia de Cacia, sem prejuizo do seu andamento.

Aveiro, 25 de Janeiro de 1912.

O Escrivão,
Francisco Marques da Silva.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,
Regalão.

A Colossal
DE
Mamodeiro

—(*)—

Fazendas, mercearias, miudezas, tintas, oleos e ferragens.

Grandes depositos de adubos chimicos para todas as culturas.

Arames para ramadas. Arames farpados para vedações.

Sulfato de cobre e enxofre.

Cimento **Portland.**

Batata de 1.ª qualidade para sementeiras, e muitos outros artigos.

Virgilio Souto Ratola

Bicycletas, Relojoaria e Accessorios

Officina de concertos e pintura. AGENTE da melhor bicycletta ingleza

HOBART

Alugueis de bicycletas. Concertos em relogios.

POMPILIO RATOLLA
AVEIRO

Francisco A. Meyrelles

Praça Luiz Cypriano
AVEIRO

Armazem de mercearia

Generos de primeira qualidade
Vinhos finos e licores
Especialidade em Chá e Café
Figo do Algarve

Agua do Barreiro
(BEIRA ALTA)
(Na Serra do Caramulo)

Unico remedio natural que cura radicalmente a ANEMIA, a CHLOROSE, as doenças do estomago, etc., etc., como se pode provar com attestados da maxima confiança que se acham patentes ao respeitavel publico no deposito geral.

RUA GARRETT, 76 E 78

Unico agente em Aveiro

FRANCISCO MEYRELLES

COLLEGIO MODERNO
PRAÇA MARQUEZ DE POMBAL
AVEIRO

A direcção d'este collegio, montado nas melhores e mais modernas condições pedagogicas, de hygiene e de conforto, para o que possue pessoal habilitado e casa no ponto mais salubre da cidade, recebe todas as meninas que procurem casa de educação e ensino, garantindo-lhes a melhor installação e as melhores condições de aproveitamento.

ESTAÇÃO DE INVERNO

A ELEGANTE

Fazendas e modas
Camisaria e gravataria
DE
POMPEU DA COSTA PEREIRA
Rua de José Estevam, 52 e 54
Rua de Mendes Leite, 1, 3 e 5
AVEIRO

O proprietario d'este estabelecimento participa ás suas Ex.mas clientes e ao publico em geral, que acaba de receber um enorme e variado sortimento de fazendas e outros artigos proprios da presente estação.

Preços modicos

A Democrata
FABRICA DE BOLACHAS E BISCOITOS

Armazem de mercearia por junto.
Gazolina, carboneto e outros artigos.
Especialidade em café e chá.
Descontos a revendedores.
Seriedade nas transacções.

MANOEL FERREIRA FELIX

Aveiro — Avenida Bento de Moura.
Filial no Porto—Rua Bellomonte, 13 a 15.

Padaria Macedo
PRAÇA DO COMMERCIO
AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade, bem como pão hespanhol, dôce bijou abiscoitado, e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolachas das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz, chá de diversas qualidades, assucares, esterina, vinhos finos.

Café, especialidade d'esta casa, a 720 e 600 réis o kilo.

AOS MESTRES D'OBRAS

Lixas de todas as qualidades, rivalisando com as estrangeiras em preço e duração.

Fabrico pelos processos mais aperfeiçoados.

Unica fabrica no paiz.

BRITO & C.ª
Sôza—Aveiro.

LIVRARIA CENTRAL E PAPELARIA
— DE —
BERNARDO DE SOUZA TORRES
Praça do Commercio
AVEIRO

Livraria. papelaria, e officina de encadernação.
Grande sortido de papeis nacionaes e estrangeiros.
Objectos para escriptorio, desenho e pintura.
Tabacos nacionaes e estrangeiros.
Livros em branco para escripturação commercial.
Artigos para brindes.
Chá em pacotes.
Deposito de tintas para escrever, marca D. Pedro IV.
Fornecimentos para escolas.
Sempre novidades em bilhetes postaes illustrados e com vistas d'Aveiro.
Cervejas e gazozas.
Cordas para instrumentos.
Carimbos de borracha, metal e sinetes para lacre.
Sabonetes nacionaes e estrangeiros.
Pós e pasta para dentes.
Loções para o cabello e perfumarias.

AGENCIA E JORNAES.

Ricardo da Cruz Bento
PRAÇA DO PEIXE
AVEIRO

Estabelecimento de mercearia, azeite, bolachas, vinhos finos e de meza.

Breu preto, louro e cru.
Azeite de peixe.
Utensilios para amanho de barcos.
Cordoame e poleame.

Licores e aguardente.
Papelaria,
objectos de escriptorio
e diversas miudezas.

A Liberdade
JORNAL REPUBLICANO D'AVEIRO

Nada se publica referente á vida particular do cidadão.

Assignaturas

Anno (Portugal e colonias) . .	1$200 réis
Semestre. . .	600 »
Brazil (anno) moeda forte . .	2$500 »
Avulso . . .	20 »

Annuncios

Por linha . .	40 réis
Repetições . .	30 »
Communicados .	20 »

Permanentes — contracto especial.

Hotel Cysne
Rua 5 d'Outubro
AVEIRO

Magnifica instalação. Casa apropriada, junto á ria.
Asseio e limpeza.
PREÇOS MODICOS

"ULTRAMARINA,,
COMPANHIA DE SEGUROS
CAPITAL 500:000$000 réis

Seguros maritimos e terrestres.
Seguros postaes.

Agente em Aveiro,
A. H. Maximo Junior.
Rua Direita— AVEIRO

DEPOSITO DE MOVEIS, COLCHOARIA E MARCENARIA
= DE =
Francisco Casimiro da Silva
COJO—AVEIRO

—(*)—

Sortido completo em mobilias, louças, camas, tapetes, etc.

Officina montada para execução de colchões, com pessoal habilitado.

Todos os artigos para mobilar casas.
Officina, a melhor no genero, de marceneiro.

Executa-se qualquer mobilia por catalogos.

Espelhos e christaes = Louças finas e bijouterias.

Preços modicos

MERCEARIA E CONFEITARIA

Especialidade em vinhos do Porto e Madeira, cognacs e outras bebidas.

Variado sortido de fructas seccas, queijos e chocolates.

Bolachas nacionaes e estrangeiras.
Chá e café de qualidade superior.

DOMINGOS PEREIRA GUIMARÃES
Rua José Estevam—AVEIRO

ALBERTO JOÃO ROSA
RUA DIREITA
AVEIRO

GRANDE ARMAZEM DE DROGAS E FERRAGENS

Tintas e oleos de primeira qualidade.
Vidraça, cobre, chumbo e arame.
Adubos chimicos e organicos.
Sulphato e enxofre.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

AVEIRO—Avenida Bento de Moura; **ILHAVO**—Praça da Republica; **OVAR**—Rua Elias Garcia, 4 e 5.